

MUSEUS VOLTADOS PARA A LITERATURA: AINDA UM DESAFIO NO BRASIL

Claudia Barbosa Reis¹

RESUMO

Este artigo trata dos chamados serviços de informação e documentação estruturados a partir de estudos acadêmicos correlatos, porém diferentes: biblioteconomia, arquivologia e museologia. Embora lidem com as idéias de documentação e memória, seus métodos e objetivos são diversos e a falha no retorno das informações esperadas é a consequência da não observação dessa realidade. O ideal é que numa instituição que contemple os três universos citados trabalhem em conjunto, remetendo dados e informações de uma área a outra, de modo a facilitar a busca e a ampliação de qualquer tipo de pesquisa.

Palavras-chave: Documentação. Arquivologia. Museologia.

Museums centred on Literature are still a difficulty in Brazil

ABSTRACT

This article deals with the so-called information services and structured documentation from the point of view of academic studies, related but different, related to librarians, archive handler and museum curators. Although all three work with documentation and memory, their methods and objectives are different and the absence of the information desired is due to the non-recognition of this fact. The ideal would be for an institute to contemplate all the universes together sending information from one area to the other so as to facilitate the search and the amplification of any type of research.

Keywords: Archives. Documentation. Archive studies. Museum studies.

¹ Museóloga da Fundação Casa de Rui Barbosa, mestre e doutoranda em Letras pela PUC RJ.
claudia.breis@yahoo.com.br

Os chamados serviços de informação e documentação estão estruturados a partir de estudos acadêmicos correlatos porém diferentes: biblioteconomia, arquivologia e museologia. Embora lidem com as idéias de documentação e memória, seus métodos e objetivos são diversos e a falha no retorno das informações esperadas é a consequência da não observação dessa realidade. O ideal é que numa instituição que contemple os três universos citados eles trabalhem em conjunto, remetendo dados e informações de uma área a outra, de modo a facilitar a busca e a ampliação de qualquer tipo de pesquisa.

Muitas instituições incumbem suas bibliotecas de guardar, além de livros, documentos textuais diversos, iconografia e objetos. Da mesma forma misturam-se esses elementos nos arquivos e nos museus. Não há qualquer problema na guarda desse material sob o mesmo teto, mas sim, no processamento e na liberação das informações das quais são continentes.

Bibliotecas são bastante rígidas na numeração classificatória e bastante sucintas em suas fichas técnicas. Priorizam os dados pertinentes à edição, havendo fichas complementares ou paralelas que tratam da biografia do autor (sucinta sempre). Existem ainda fichas remissivas, que com base em indexação dos dados orientam o leitor/pesquisador por outros caminhos na busca da obra. Os arquivos operam de forma semelhante. Classificam seu material priorizando uma das leituras possíveis (autoria, por exemplo) e indexando as demais. No entanto, raramente produzem pesquisa sobre o que classificam. Seu objetivo é disponibilizar os dados para que a pesquisa seja feita. Podem existir pesquisas empreendidas por bibliotecários ou arquivistas, sobre os temas ou autores dos documentos sob sua guarda, mas essa pesquisa não é obrigatória, como acontece nos museus. Nesses, a metodologia adotada é bastante peculiar, pois os museus atendem a uma série de requisitos com os quais as bibliotecas e os arquivos não estão preocupados. De acordo com o que preconiza o ICOM², os museus têm como função a *guarda, a preservação, o estudo e a difusão de acervos, com a finalidade de promover a reflexão*. De modo geral os acervos museológicos são formados por objetos tridimensionais. Não é raro porém que incluam iconografia (fotografias, pinturas, gravuras) e eventualmente

² International Council of Museums, órgão da ONU.

livros (por exemplo incunábulos ou livros de arte e álbuns).³ Sendo a visão do profissional de museu, por princípio, mais ampla do que aquelas de arquivos e bibliotecas, pela obrigatoriedade de atender às atividades citadas, a classificação de um documento nesta especificidade institucional, seja qual for a sua natureza, sempre deve seguir uma metodologia específica, que gera uma planilha ou ficha. Nela, uma descrição detalhada da peça, a identificação de autorias e marcas possíveis e principalmente a pesquisa serão imprescindíveis. Por pesquisa entende-se não apenas aquela que levanta e analisa dados referentes ao documento em si, mas uma pesquisa mais profunda, que aborda os diferentes liames do objeto: autorias, proprietários, correlatos, a história do objeto dentro do Museu (exposições das quais participou, histórico de intervenções e restaurações necessárias). Dados que fazem de cada objeto um catalisador de informações e de reflexão.

Um bom exemplo daquilo que se quer demonstrar está no primeiro museu-casa criado no Brasil; a Casa de Rui Barbosa, última residência do jurista, inaugurada como museu em 1930. Em 1932 abriu-se um livro de registro no qual todo o material constante da residência foi arrolado.⁴ Porém, com o passar do tempo e a evolução dos estudos na área de informação, os serviços de arquivo, biblioteca e museu foram separados em setores diferentes naquela instituição. A idéia fazia parte de um plano diretor concebido para imprimir maior agilidade e modernizar os serviços da Casa, que em 1966 fora transformada em Fundação pública. Cada um dos setores de informação passou a processar seu acervo segundo suas próprias técnicas e métodos até que, com a agilidade e as possibilidades trazidas pela informatização, foi possível passar essas informações para o universo digital visando à unificação da busca.

Chegou-se à concretização dessa tarefa apenas em parte. A Fundação Casa de Rui Barbosa disponibilizou *on-line* os dados dos três setores e ainda os do Arquivo Museu de Literatura Brasileira. No entanto, as áreas não conseguiram ainda se comunicar no formato ideal para o pesquisador, pois

³ Exemplifique-se com os Museus Castro Maya, no Rio de Janeiro, cujo acervo, eclético, inclui aquarelas (por exemplo, a famosa coleção de aquarelas de Jean Baptiste Debret), gravuras, e livros e álbuns ilustrados por finas gravuras, todo esse material enfocando a iconografia do Rio de Janeiro e do Brasil de um modo geral, um dos temas do colecionismo do patrono daquelas instituições.

⁴ Nesse livro registraram-se objetos, fotos, documentos e livros de arte e raros.

são incapazes de chegar a um consenso quanto ao vocabulário utilizado. Aferra-se cada uma às palavras que nomeiam conceitos e objetos, por já serem parte de um jargão e, não conseguem integrar um mesmo tesouro.

As planilhas do Museu Casa de Rui Barbosa comportam um grande aprofundamento de informações, que vão de detalhes descritivos e históricos de manufatura à pesquisa sobre o objeto nas suas múltiplas funções e possíveis ligações, nível que não é meta da Biblioteca ou do Arquivo da instituição.

A museologia dispõe de um único Tesouro editado,⁵ que apresenta incoerências e mesmo erros na hierarquização. A edição mencionada foi uma espécie de compilação dos dados enviados pelos museus federais, ainda nos anos 80, para o Sistema de Museus (Pró-memória), que não esperou o amadurecimento necessário da circulação e estudo dessas informações para a sua publicação. Foi uma publicação precipitada, que uma simples errata não corrige, já que os erros são estruturais.

Eis então o exemplo de uma instituição antiga, preocupada com a liberação de dados culturais derivados de seus estudos e técnicas, que não conseguiu ainda alcançar o êxito esperado por instituição e usuários, fato que comprova a dificuldade da realização desse tipo de proposta.

A área de Literatura está muito mais relacionada a arquivos e bibliotecas. Neles os pesquisadores e acadêmicos buscam fontes e dados para seus estudos. No entanto os museus voltados para a literatura podem e devem ser um manancial ainda mais rico para tais prospecções exatamente por essa especificidade da sua metodologia de trabalho.

É frequente que os museus sejam criados com o interesse de homenagear um literato, ou lembrar a sua passagem, nascimento ou morte numa determinada cidade ou país. Um bom exemplo de escritor extremamente *musealizado* é Ernest Hemingway, cuja vida e obra provocaram a criação de três museus nos Estados Unidos, sua terra natal, e um em Cuba, onde morou, num quarto de hotel. É comum também que a idéia de que preservar vida e obra incluía a preservação do imóvel em que o patrono nasceu ou residiu, também o caso de Hemingway e da maioria dos museus literários.

Tomemos um museu hipotético, criado para a preservação da memória da vida e obra de um determinado autor. Nos museus biográficos

⁵ M. H. Bianchini & H. D. Ferrez, 1987. *Thesaurus para acervos museológicos*, 2 volumes. Série técnica, MINC/SPHAN/Pró-Memória, Rio de Janeiro

são normalmente recolhidos todos os pertences passíveis de liberação, por estarem doados em vida ou livres de espólio ou até mesmo cedidos pelas famílias e herdeiros. Juntam-se então objetos - comuns e artísticos, documentos textuais e livros. Coexistirão na instituição chamada Museu, Biblioteca, Instituto, não importa, mas estarão ali para propiciar estudos e reflexão crítica sobre o homem, o autor, seu tempo, entre outros temas. Existem museus biográficos instalados em prédios sem qualquer relação com o patrono ou em prédios construídos para essa finalidade, nos quais a referência arquitetônica (também passível de estudos e pesquisas nos museus) pode não ser relevante.

Dentre o material museológico proveniente de um literato estarão provavelmente seus objetos de escrita, peças de indumentária e de uso pessoal, presentes recebidos, prêmios, quando não, no todo ou em parte, o conteúdo de sua residência.

Levamos para a casa nova nossos deuses domésticos.
(BACHELARD).

Em “Capa de seda com franja de veludo”⁶ Eliane Vasconcellos, falando do já mencionado AMLB da Fundação Casa de Rui Barbosa diz:

o AMLB conta com um acervo museológico composto por 1200 peças de naturezas diversas. São móveis, quadros, máquinas de escrever, caneta, medalha, selos, lembranças de viagem, peças de indumentária, escultura, pintura, caixa de música, e muitos outros objetos, formando uma coleção heterogênea que tem um único denominador comum: terem pertencido aos nossos escritores ou estarem a eles relacionados.

Vasconcellos cita a relevância de tais objetos por sua capacidade de *enriquecer a compreensão, serem pontos de referência e fonte de reflexão indispensável* (grifo meu) *à recomposição do mundo ficcional e não ficcional, bem como para o conhecimento da personalidade de seus possuidores.*

Tal, exposta de forma clara, a função de um acervo museológico ligado à literatura e aos seus produtores.

⁶ Vasconcellos, Eliane. *Capa de Seda com franja de veludo* in FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. I Encontro luso-brasileiro de Museus casas. Rio de Janeiro:edições Casa de Rui Barbosa.2010

No entanto, apesar dessa capacidade de falar sobre os universos exteriores e cotidianos e sobre os mundos interiores de seus possuidores, estes objetos na maioria das vezes estão mudos. No caso do AMLB os objetos que pertenceram aos escritores receberam tratamento técnico arquivístico; não foram lidos, interpretados, estudados ou documentados sob o formato técnico que gera a leitura museal. Não por falta de conhecimento técnico ou de profissionais gabaritados, mas por uma escolha por um formato de gestão documental que não habilita a pesquisa museológica como etapa importante. Na maioria dos museus de Literatura⁷ um enorme potencial resta sem estudo e sem a documentação adequada pela simples decisão, perpetuada até os dias de hoje, de não se aplicar ao acervo museológico as regras e técnicas essencialmente museográficas .

Voltando ao AMLB da FCRB, além da decisão por uma gestão arquivística, a remessa para o setor de bibliotecas da instituição da preciosa biblioteca de Plínio Doyle⁸ fez com que livros relevantes, com dedicatória, primeiras edições contendo ilustrações informativas, ficassem desvinculados, em termos de documentação técnica, dos acervos arquivístico e museológico. As relações de um escritor com seus objetos, fotografias ou livros a ele dedicados, por exemplo, não estão relacionadas, salvo alguma exceção, numa mesma planilha ou indexadas de modo a formar um conjunto de informações único. Acresça-se que o AMLB não está aberto à visitação de forma permanente, como preconiza o ICOM, funcionando quase como um gabinete de curiosidades, em que as visitas têm que ser previamente agendadas e seguir uma série de trâmites burocráticos. Trata-se do ponto de vista técnico de um arquivo de objetos. Quando das eventuais exposições que promove, são realizados os estudos e pesquisas pertinentes sobre o que será exposto. Esses resultados permanecem nos catálogos e etiquetas.

Por outro lado, no museu-casa, onde Rui Barbosa produziu a maior parte de suas obras, em nenhum momento do circuito, a atividade literária do patrono é mencionada.

Na Academia Brasileira de Letras ocorre o mesmo. No *site* da ABL há

⁷ Há grandes exceções na Europa, entre elas a Casa-museu de Camilo Castelo Branco e a Maison de Balzac. Museus que cumprem suas funções expositivas, documentais e de difusão da vida e obra dos autores-patronos, inclusive com realização de atividades literárias e museológicas, muitas vezes conjugadas.

⁸ Fundador do AMLB, o bibliófilo vendeu sua preciosa biblioteca à Fundação Casa de Rui Barbosa com o objetivo de complementar dados e informações sobre o acervo recolhido ao AMLB.

uma informação genérica sobre seu museu ser formado por *obras de arte, mobiliário de época e peças de arte decorativas, assim como objetos de uso pessoal dos acadêmicos*. Indica ainda o site que grande parte deste acervo está em exposição permanente no *Petit Trianon*, podendo ser apreciada através da *Visita Virtual*, e que *outras peças* se encontram nas dependências do Centro Cultural da Academia.

No entanto, não há qualquer sinalização que indique onde o visitante pode encontrar esse acervo. No *Petit Trianon* os muitos objetos estão expostos fora do que constituiria um circuito museal, mas os servidores são incapazes de informar sobre a existência de um acervo museológico à porta do prédio, que nem sempre está franqueado à visitação. As duas salas de memória, ou de exposição permanente da Academia, uma dedicada a Afonso Arinos de Melo Franco e outra a Machado de Assis, bem como o núcleo museológico da instituição, na verdade uma reserva técnica onde apenas um museólogo trabalha, ficam no edifício sede.

Nas exposições percebe-se a preocupação técnica com a apresentação dos objetos e documentos, todos em excelente estado e perfeitas condições de exibição. As informações constantes das etiquetas porém estão limitadas a datas e estilos do material exposto, com algumas observações históricas quando pertinentes. Na exposição sobre Machado de Assis, a curadoria de Alexei Bueno fornece ao visitante excelentes textos que o colocam no cerne da obra machadiana e o levam a acompanhar os últimos dias de vida do escritor. Mas tal não resulta de pesquisa museológica que deveria ir muito além do que está nas etiquetas. É um trabalho do curador.

Torna-se necessário ainda falar das modificações ou apropriações que vêm ocorrendo em termos de interpretação do que é museal. O Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, por exemplo, é uma instituição construída no limite entre arquivo, museu e algum novo e indefinido tipo de instituição. O MLP é a princípio uma grande instalação, extremamente bem sucedida na tarefa de difundir temas ligados à língua e à literatura lusófona. Sob o ponto de vista do visitante, as funções são excepcionalmente bem cumpridas; há renovação nos temas das exposições temporárias e em alguns dos arquivos de som e vídeo exibidos. Do ponto de vista técnico resta aberta a discussão, uma vez que a instituição não possui exatamente o que se chamaria de acervo museológico. Os objetos expostos complementam as vitrines e não

têm grande relevância senão no contexto em que foram colocados. Não cabe neste momento e nesta discussão um levantamento dos procedimentos técnicos de museu, se desenvolvidos ou não pelo Museu da Língua Portuguesa: tombamento, elaboração de planilhas técnicas, etc. Cabe o estranhamento e a possível detecção de uma tendência que se verifica também no Museu do Futebol - uma grande instalação interativa.

Ainda é cedo para uma avaliação, se esta é uma tendência ou na verdade o início da deturpação do termo Museu, que sairia dos estudos centrados nos objetos. Essa deturpação se explicaria em parte pelas mudanças no currículo de formação do museólogo? Estaria também relacionada ao oportunismo político da criação de museus, em que o termo é adotado na designação da instituição para dar-lhe um peso cultural, mas ao mesmo tempo, por paradoxal que pareça, diferenciar-se daquilo que está assentado no imaginário do visitante brasileiro de museu (antiqualha, velharia, imobilidade)?

Num museu, cada objeto é individualmente registrado, não importando a quantidade de similares ou a inclusão num conjunto. Recebe numeração que o transforma em peça única. Sob o seu número de registro serão inscritas todas as informações recolhidas sobre ele. Num museu de literatura essas relações incluem não apenas o escritor proprietário do acervo registrado, mas também a obra literária à qual está ligado. Penso na abordagem de uma determinada obra, vista sob os pontos de vista que naturalmente brotarão de uma busca: os relacionamentos humanos, inspirações diversas, relatos, casos ligados à produção e a edição, além de aspectos críticos, inclusive pinçados na fortuna crítica do autor. Sim, porque é imprescindível que um museu ligado à literatura tenha um setor em que a pesquisa e que o estudo literário exista para direcionar, habilitar e corroborar as informações que serão passadas ao público.

A Crítica e a História Literária estão intimamente relacionadas. A História precisa das conclusões da crítica para abordar, não mais a obra, mas os elementos que estão simultaneamente dentro e fora dela, transcendendo-a e por isso mesmo, propiciando a perspectiva diacrônica. A obra contém assim elementos a - históricos, fixos, impossíveis de serem modificados; e elementos históricos, que se modificam pelo contexto cultural e pelo senso de originalidade de cada escritor. (TELES)

Também não caberá num museu literário textos de baixo teor gramatical e teórico. Portanto, já se percebe que como a literatura abrange um sem número de aspectos, além do museólogo e demais profissionais de informação, é imprescindível a presença do bacharel ou especialista em Letras/literatura no corpo funcional.

Mas como moldar uma instituição que pretende a preservação da memória biográfica, bibliográfica, documental e da própria obra de um escritor?

Naturalmente a subdivisão em setores técnicos segundo as especificidades do acervo recolhido, porém com base num vocabulário enxuto e único é o primeiro ponto para a construção de uma linguagem que no futuro vai alicerçar pesquisas, buscas, teses, livros. Montado um glossário técnico, o mais abrangente possível, porque assim como os museus a literatura é o mundo,⁹ os serviços criarão planilhas que serão indexadas e informatizadas à medida que o trabalho for sendo feito e revisto.¹⁰ Esse é o plano, essa é a base do trabalho.

No aspecto museal, que é o que interessa aos meus presentes estudos, os objetos, assim inter-relacionados e prenhes de conteúdo histórico, crítico, e literário estarão prontos a ser distribuídos tecnicamente de modo a formarem uma exposição, permanente ou temporária, e ainda gerarem etiquetas, publicações, *site* da instituição. Um museu, como já se disse com relação ao Arquivo Museu de Literatura Brasileira da FCRB, tem como etapa constitucional a visitação - a exibição ao público do seu acervo, por meio de um circuito permanente ou de exposições temporárias. Essa é a comunicação do museu com o seu público. Essa é a dinâmica por meio da qual o primo visitante será captado. A freqüência ao museu, às suas atividades e eventos virá da primeira impressão. A forma como o museu se apresentará ao público decide o seu destino; o contato é construído, por meio da maneira de recepcionar, apresentar, informar e responder a indagações. Para isso basta uma gestão museal correta e firme. E principalmente a delimitação do perfil de museu que se quer apresentar ao público.

Não há necessidade de especificar, neste curto espaço, as, atividades,

⁹ *O museu é o mundo* é uma frase emblemática de Helio Oiticica.

¹⁰ A revisão se fará não apenas quanto à ortografia, mas também quanto ao conteúdo e ao uso do Glossário criado. Há instituições que apesar da sua excelência apresentam um português pífio nos seus conteúdos on line.

inclusive as pedagógicas e lúdicas que, segundo preconiza o órgão internacional regulador de museus, ampliarão o contato com as formas museais e as propostas para a compreensão e a assimilação do universo abrangido.

Um museu literário assim não é um sonho. Há caminhos que vêm sendo percorridos, tanto no Brasil como no exterior. Já se falou da Casa de Rui Barbosa, potencial que não se concretiza: ou é museu e não é literário (a Casa) ou é literário e não é Museu(o AMLB).

Faço questão de citar um museu de cidade pequena que com poucos recursos, consegue preencher um vazio cultural. É o caso, em Cordisburgo, MG, da instituição dedicada à memória da vida e obra de João Guimarães Rosa. Instalado na casa em que o escritor nasceu, que tem na parte fronteira a quitanda de seu pai reconstituída, é um exemplo de qualidade, provavelmente sem a preocupação da quantidade. Não disponho dos dados de visitação da Casa-Museu de Guimarães Rosa, mas não deve ser expressiva. Não importa. Suponho que ali o seu conteúdo e a sua existência é o que contam. É um centro de estudos, difusão e educação sobre a obra do autor, de leitura difícil para um público neófito.

O que, no entanto, é necessário antes de tudo é esclarecer que o primeiro passo para a configuração de um museu que leve o visitante, mesmo não sendo um admirador, a interessar-se por um autor ou um tema literário, é a compreensão *o que é um museu*. Para que serve e de que modo pode apresentar à reflexão da sociedade um tema literário. Coisa que muita gente ligada às ciências da informação, à literatura e à cultura, desconhece.

Artigo recebido em: 02/05/2011
Aceito para publicação: 02/10/2011

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Estevam Lima de. **No limiar da fronteira**: aproximações entre história e literatura no espaço da teoria e metodologia. http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/0606_Bk.pdf

ARRIGUCCI JR, Davi. **A Poesia de Manuel Bandeira**. Humildade, Paixão e morte. São Paulo: Companhia das Letras. 1990

BACHELARD, Gastón de. **A Poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes. 1993

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva. 2002

BENJAMIN, Walter. **Magia técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense. 1985

_____. **Obras escolhidas**. Volume 2. São Paulo: Brasiliense. 1987

CORTAZAR, Julio. **A volta ao dia em 80 minutos**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira: 2008

DARDOT, Liliane & ALMADA, Marcio. **O Coração do lugar**. Depoimentos a João Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Superintendência de Museus. 2006

DELGADO, Andréa Ferreira. **Museu e memória biográfica**: um estudo da Casa de Cora Coralina Sociedade e Cultura, Vol. 8, No 2. UFG. 2005

ECO, Humberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo. Martins Fontes. 1993

_____. **Sobre literatura**. Rio de Janeiro. Record. 2003.

_____. **A Estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva: 1976

FINLEY, M. I. O Progresso na Historiografia. In: **História antiga**: Testemunhos e modelos. São Paulo: Martins Fontes. 1984. p. 10

_____. **Uso e abuso da história**. Trad. Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo. Martins Fontes. 2002.

_____. **O que é um autor?** 2.ed.[Passagens]. 1992

_____. **Isto não é um cachimbo**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1989

FRAGA Rosidelma Pereira. **As Pedras que perduram**. Poesia e Museu Cora Coralina. Revista Museu. [http://www.revistamuseu.com.br/art_.asp?id=23314](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=23314)

FREYRE, Gilberto. **Cultura e Museus**. Recife: Fundarpe. 1985 e Vida, forma e cor. Rio de Janeiro: Record. 1987.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Anais do IV Seminário sobre Museus casas. Rio de Janeiro: edições Casa de Rui Barbosa. 2002

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. I Encontro luso-brasileiro de Museus casas. Rio de Janeiro: edições Casa de Rui Barbosa. 2010

GONÇALVES, João Felipe. Enterrando Rui Barbosa.

GRIMAL, Pierre. **Mitologia grega**. Porto Alegre: L&M Pocket. 2009

LAJOLO, Marisa e Ceccantinni, João Luis. **Monteiro Lobato livro a livro** (Obra infantil) São Paulo. Editora UNESP. 2008

LEMAIRE, Gérard Georges. **Maisons des artistes** Paris: éditions de Chêne. 2004

LIMA, Elder Rocha. **Itinerário Cora Coralina**. Brasília: IPHAN.2008

LIMA, LUIZ COSTA. **O Controle do imaginário e a afirmação do romance**. São Paulo: Companhia da Letras. 2009

_____ **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1960

MACHADO, Rubem Mauro e HEINEBERG, Ilana. **Estudos de mulher**. Porto Alegre. L& PM Pocket. 2006

MALCOLM, Janet. **A Mulher calada**. Silvia Plath e os limites da biografia. São Paulo: Cia. Das Letras. 1995

OLINTO, Heidrum & SCHOLHAMMER, Karl Erik. Rio de Janeiro. Edições Galo Branco. 2006.

MEYER-PETIT, Judith. La Maison de Balzac ET les paradoxes Du musée litteraire. balzac.paris.fr

NOVAES, Adauto. **O Olhar**. São Paulo. Companhia das Letras, 1992.

PRAZ, Mario. **Literatura e artes visuais**. São Paulo: Cultrix, 1982

QUEIRÓS, Eça. **A Cidade e as serras**. Porto. Porto editora. 2008

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **A Danação do objeto**. Fortaleza: Editora Argos

REIS, Claudia Barbosa. **Cidade personagem**. O Rio de Janeiro na obra de Pedro Nava. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco. 2007

RIBEIRO JR, Wilson Alves. **A Grécia antes dos gregos**.

SACKS, Oliver. Vendo Vozes. **Uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo>Companhia das Letras. 2010

_____ **Um antropólogo em Marte.** São Paulo:Companhia das Letras. 1995

SARTRE, Jean Paul. **Esboço para uma teoria das emoções.** Porto Alegre:Le PM.2010

SPINELLI, Tenisa. **Museus literários no Brasil.** História, idéias e guia de acervos.Porto Alegre:ALFRS.2009

TELES, Gilberto Mendonça. **Entrevista sobre poesia.** Rio de Janeiro: Galo Branco. 2009

_____ **A Escrituração da escrita.** Petrópolis:Vozes.1996

_____ **A Retórica do silêncio:** teoria e prática do texto literário. São Paulo.Colares:1979

_____ **Defesa da poesia.** Apostilas distribuídas no curso.

_____. **Contra margem:** estudos de literatura. São Paulo: Loyola. 2002

Todorov, Tzvetan. **Poética da prosa.** São Paulo: Martins Fontes. 2003.

The Charles Dickens Museum. Souvenir Guide.

Mairie de Paris. La Maison de Balzac. Musées de France. 2009 (Folheto)

Programme Culturel. Musées de France. 2009